



## **“Questão Social, Pandemia e Serviço Social: em defesa da vida e de uma educação emancipadora”**

**Eixo temático:** Serviço Social: Fundamentos, Formação e Trabalho Profissional

**Sub-eixo:** Formação profissional

### **PRÁTICAS INTERPROFISSIONAIS E A EXPERIÊNCIA DA TUTORIA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO E EDUCAÇÃO PARA O TRABALHO EM SAÚDE**

ELISANGELA DE OLIVEIRA INÁCIO <sup>1</sup>

#### RESUMO

O texto discute a educação interprofissional e as práticas colaborativas no contexto do SUS e na formação dos trabalhadores e trabalhadoras em saúde. A interprofissionalidade possibilita que cada profissão tenha não só a compreensão de seu desempenho, competências e habilidades, mas também reconheça as potencialidades dos diferentes núcleos profissionais. As inflexões presentes decorrem das experiências de Tutoria realizada através do Projeto PET Saúde Interprofissionalidade na UFPB, em 2019 a 2021. A tutoria possibilitou a reflexão crítica sobre os processos de trabalho produzidos nos cenários de práticas na atenção básica e a corresponsabilização dos sujeitos na promoção do cuidado integral.

Palavras Chave: SUS. Educação em Saúde. Tutoria. Interprofissionalidade.

#### ABSTRACT

---

<sup>1</sup> Professor com formação em Serviço Social. Universidade Federal D Paraíba

---

The text discusses interprofessional education and collaborative practices in the context of the SUS and in the training of health workers. Interprofessionality makes it possible for each profession not only to understand its performance, competences and abilities, but also to recognize the potential of the different professional nuclei. The present inflections stem from the tutoring experiences carried out through the PET Health Interprofessionality Project at UFPB, from 2019 to 2021. The tutoring enabled critical reflection on the work processes produced in the scenarios of practices in primary care and the co-responsibility of subjects in promoting comprehensive care.

Keywords: SUS. Health education. Tutoring. Interprofessionality.

## **1. INTRODUÇÃO**

O presente debate tem por objetivo reafirmar a importância da educação interprofissional em saúde e das práticas colaborativas no contexto da Política Nacional de Saúde e na formação dos trabalhadores e trabalhadoras, em especial junto ao Sistema Único de Saúde (SUS). Outrossim, ressalta-se o papel estratégico da interprofissionalidade para o aprimoramento do trabalho nas equipes e para o fortalecimento dos sistemas públicos de saúde.

É importante compreender que a dinâmica dos espaços, por mais que sejam serviços com os mesmos tipos de atividade, tem ritmos diferentes nas relações, empatias, disponibilidades para acolher inovações e aberturas para reflexões a respeito de si, do outro e do meio que vivenciam (FORTUNA et al., 2005; PEDUZZI,

2016).

Historicamente a reflexão sobre a saturação da perspectiva da uniprofissionalidade no Brasil ganha fôlego a partir da Reforma Sanitária, com o espraiamento do debate sobre a integralidade nas práticas em saúde evidenciado com a implantação do Sistema Único de Saúde (SUS) há três décadas no Brasil.

Refere-se a um contexto político e social marcado por disputas de projetos de saúde em que “os serviços e os profissionais foram desafiados a ampliar procedimentos e abordagens assistenciais e incorporar a perspectiva da atenção incluindo abordagens de promoção da saúde e prevenção de doenças e agravos” (Ferla e Toassi, 2017, p. 8).

Exige-se, portanto, dos profissionais de saúde, a superação do atendimento restrito à queixa-conduta visivelmente presente nas práticas assistenciais tradicionais e que valoriza o atendimento centrado na figura médica, para dar espaço ao diálogo entre as equipes e com os usuários, no sentido de promover “ações que ampliem a autonomia e qualidade de vida de indivíduos e grupos”. (Ib.)

A educação em saúde confere uma prática educativa que busca conduzir os indivíduos a uma reflexão sobre as bases sociais da vida, fazendo-os perceber que a saúde é um direito social e não uma concessão (SOARES *et al.*, 2009).

Pois,

Para ser um profissional de saúde há necessidade do conhecimento científico e tecnológico, mas também de conhecimento de natureza humanística e social relativo ao processo de cuidar, de desenvolver projetos terapêuticos singulares, de formular e avaliar políticas e de coordenar e conduzir sistemas e serviços de saúde. (Carvalho e Ceccim, 2009, p. 157).

Na contemporaneidade, as demandas no trabalho em saúde transcendem as práticas individualizadas e exige cada vez mais a valorização do trabalho em equipe. Inclusive, o processo de formação dos trabalhadores e trabalhadoras em saúde reconhece a importância das práticas profissionais colaborativas para atender às reais necessidades de vida da população.

A política do SUS para a educação e desenvolvimento do trabalho (BRASIL,

2004) veio reafirmar a articulação entre a educação e o trabalho. Nesta direção, a Educação Interprofissional ganha destaque na formação profissional, na educação permanente e no trabalho em saúde.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) define Educação Interprofissional – EIP como sendo [...] o aprendizado que ocorre quando estudantes/ trabalhadores de duas ou mais profissões aprendem sobre os outros, com os outros e entre si para possibilitar a colaboração eficaz e melhorar os resultados de saúde. (OMS, 2010, p.7).

Há, portanto, o reconhecimento da OMS que os serviços prestados através de práticas interprofissionais tendem a atingir melhores níveis de qualidade. Além de a educação interprofissional buscar a superação do modelo fragmentado das práticas em saúde tradicionalmente organizado apenas para atender à lógica do mercado.

A iniciativas de EIP no Brasil passaram a ser incentivadas a partir das estratégias incorporadas nas políticas de saúde apresentadas pelo Ministério da Saúde através da Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde (SGTES), no ano de 2003.

O Ministério da Saúde ao incorporar essa pauta, desperta nos cursos de graduação em saúde, maior preocupação no sentido de incluir nas diretrizes para a formação dos profissionais, a necessidade de estabelecer competências gerais do futuro egresso em vista qualifica-lo para atuar no trabalho em equipe (CECCIM, 2004).

Aguiar da Silva, Batista e Scapin (2011) afirmam que o trabalho integrado em equipe tem por objetivos buscar a identificação, a aproximação e o conhecimento por meio de vivências em diferentes cenários de aprendizagem e fomentar a articulação teórico-prática entre os diferentes saberes.

Através das práticas interprofissionais, os trabalhadores e trabalhadoras podem se aproximar dos problemas de saúde locais, adotar abordagens diferenciadas e desenvolver competências comuns mediante a aprendizagem compartilhada com a finalidade de potencializar a capacidade coletiva de resolução

de problemas através da cooperação e colaboração de toda a equipe.

Doravante insistir na construção do trabalho centrado no conhecimento de um único profissional não é suficiente para atender às necessidades do usuário/ família/ comunidade, pois nenhum profissional isoladamente dá conta de toda a complexidade das demandas sociais e de saúde presentes nas diferentes unidades de promoção da saúde.

## **2. EDUCAÇÃO INTERPROFISSIONAL E AS PRÁTICAS COLABORATIVAS EM SAÚDE**

A efetivação das práticas interprofissionais na produção do trabalho em saúde requer o diálogo, respeito mútuo, valorização dos sujeitos e o fortalecimento da colaboração em equipe. Propõe romper com a histórica rivalidade corporativa ensinada nas profissões através de práticas educativas conservadoras pontuais que ainda insistem em legitimar a sobreposição de um saber pelo o outro.

Urge no processo de formação de trabalhadores e trabalhadoras em saúde, a necessidade de romper com a reprodução de uma cultura que insiste haver um saber hegemônico, e neste caso, comumente representada pelo curso de medicina e que tende a configurar os cenários de práticas como possíveis campos de batalha ao restringir os cenários de prática em espaços enaltecidos da disputa por prestígio e poder, reforçando a compartimentalização ou fragmentação do saber.

Para Cecim (2004), as práticas interprofissionais devem se tornar um apoio necessário para a concretização de uma atuação coletiva nas rotinas de promoção à integralidade do cuidado. A exemplo da garantia da participação de núcleos profissionais distintos no acolhimento, na oferta do atendimento e/ou durante as visitas em equipe.

O trabalho interprofissional e as discussões coletivas abrem espaço para que

cada profissional mostre o seu papel e apresente que tipo de colaboração irá desenvolver na atenção à saúde e na promoção do cuidado ao usuário. Ainda requer a compreensão de que os profissionais de saúde ao se envolverem em práticas colaborativas sintam-se habilitados a realizar uma escuta qualificada e seguros para participar da discussão dos casos buscando compreender o contexto biopsicossocial dos usuários e suas famílias.

A EIP contribui para o “desenvolvimento de profissionais de saúde mais colaborativos, capazes de prestar uma assistência mais integral e mais coerente na resolução e enfrentamento dos problemas e necessidades de saúde”. (REEVES et al., 2013 apud. Costa, 2017).

A educação interprofissional (EIP) e a valorização das práticas colaborativas facilitam a relação entre os profissionais de saúde, pois permite que cada profissão tenha não só uma compreensão mais profunda de seu próprio desempenho, competências e habilidades, mas também reconheça as potencialidades dos demais trabalhadores e trabalhadoras de saúde.

A materialização do trabalho colaborativo na gestão e execução dos serviços de saúde exige a horizontalidade nas relações de trabalho e na aproximação com os sujeitos e compreende a promoção do atendimento centrado no usuário. Através das práticas colaborativas, “os profissionais passam a ter uma percepção mais abrangente, dinâmica, crítica, reflexiva e integrada à saúde”. (Casanova, et. al., 2018).

Ao pensar em um trabalho interprofissional, espera-se uma contribuição mútua, que fortaleça um trabalho colaborativo focado na otimização do atendimento voltado ao usuário, reduzindo, assim, o retrabalho e a fragmentação da atenção no cuidado em saúde. (PESSOA, et. al., 2021. p.172).

É notório que as práticas voltadas para a educação interprofissional em saúde promovem a melhoria da qualidade dos serviços ofertados para a população, contribuem para a formação em saúde e para a efetivação da intersetorialidade e

desse modo fortalecer cada vez mais o SUS. Entende-se que a EIP contribui na formação de profissionais da saúde para que estejam melhor preparados para o desafio que é trabalhar junto e de forma integrada na perspectiva da integralidade. (Peduzzi, 2017, p. 40).

Ressalta-se mais uma vez a importância de promover o debate sobre a interprofissionalidade ainda na graduação, sem perder de vista a ênfase às competências específicas e as atribuições privativas assegurando as identidades profissionais. A caminhada da educação interprofissional no país que objetiva a mudança da formação em saúde tem grandes exemplos de práticas, uma delas é o Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde — PET Saúde, iniciativa que orienta a formação de força de trabalho com potencial crítico e reflexivo (MIRA; BARRETO; VASCONCELOS, 2016).

Contudo é necessário que os cursos de saúde ofertem disciplinas e/ou conteúdos que discutam o trabalho interprofissional e durante o processo de revisão dos projetos pedagógicos verificar se os cursos de graduação estão assumindo em suas diretrizes, a orientação da formação profissional à luz das práticas interprofissionais.

As universidades e instituições de ensino superior precisam se engajar nas práticas de saúde do SUS e preparar, em diálogo com os serviços da rede de atenção, estudantes e profissionais com competências (conhecimentos, habilidades e valores) para problematizar a atenção à saúde (...). Não se trata de um aprendizado que vai ocorrer isoladamente nas salas de aula, mas de um aprendizado que ocorre de forma interativa com colegas de outras profissões em diferentes cenários de prática (...). Em geral, os egressos dos cursos de graduação em saúde trazem uma visão estereotipada das demais áreas de atuação, que tende a desqualificá-las e um dos motivos disto é a ausência de experiência de troca de aprendizado conjunto com colegas das diferentes áreas. (PEDUZZI, 2017, p 43-44)

Os profissionais precisam aprender a trabalhar de forma integrada e colaborativa, ou seja, através das práticas interprofissionais participar da discussão dos casos e análise das informações, bem como se fazer presente na elaboração de planos de

cuidado (individual e coletivo), na construção dos projetos terapêuticos singulares, na produção da clínica ampliada, na projeção da capacidade resolutiva dos problemas e nas intervenções junto às famílias e comunidades.

O desafio é fazer o diálogo desses referenciais com os preceitos da EIP para que esse tema seja potencializado no contexto brasileiro, superando a ideia de mera importação de modelos, mas incorporar esse debate aos temas já existentes e que podem ser úteis no movimento histórico de luta pelo resgate dos ideais da reforma sanitária brasileira para fortalecimento e consolidação do SUS. (COSTA, 2017, p.16)

Com base nos estudos já realizados e nas experiências individuais e coletivas vivenciadas no Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde - PET Saúde Interprofissionalidade num período de dois anos (entre 2019 a 2021) e mais recentemente na condição de tutora do núcleo de Serviço Social junto aos programas de Residência Multiprofissional em Saúde desenvolvidos na Universidade Federal da Paraíba tem sido possível constatar as contribuições das práticas interprofissionais para o trabalho em saúde e do debate sobre interprofissionalidade no processo de formação e para qualificação profissional, sobretudo, ao associar o conhecimento acadêmico com a prática do serviço.

### **3. A TUTORIA NO PROJETO PET SAUDE INTERPROFISSIONALIDADE:** experiência vivenciada na formação profissional em uma universidade pública

O PET Saúde Interprofissionalidade foi desenvolvido na Universidade Federal da Paraíba em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde de João Pessoa e a partir de uma iniciativa do Ministério da Saúde com o Ministério da Educação, no período de abril de 2019 a abril de 2021.

Subdividiu-se em cinco grupos tutoriais e envolveu diversas áreas de saber, entre elas, os cursos de enfermagem, educação física, farmácia, fisioterapia, fonoaudiologia, medicina, nutrição, odontologia, psicologia, serviço social e terapia



ocupacional. Reuniu discentes (bolsistas e voluntários), docentes e profissionais de assistência em saúde na função de preceptores.

Teve como objetivo fortalecer as ações de ensino, pesquisa e extensão por meio da interlocução entre cursos de graduação em saúde na Universidade Federal da Paraíba com a comunidade local. A equipe de trabalho foi constituída por professores e estudantes vinculados ao Centro de Ciências da Saúde (CCS), Centro de Ciências Médicas (CCM) e ao Centro de Ciências Humanas, Letras e Arte (CCHLA) da UFPB, e por profissionais da Atenção Primária em Saúde – APS vinculado ao município.

A educação interprofissional em saúde que tem como ênfase o compartilhamento de conhecimentos e de saberes profissionais consistiu na principal estratégia adotada pelo Programa PET Saúde para a efetivação das atividades e processos interventivos sobre a realidade social. Compreendeu, portanto, atividades teóricas, atividades teórico-práticas e vivências em unidades básicas de saúde.

A experiência da tutoria no Projeto PET Saúde Interprofissionalidade por docentes dos cursos envolvidos corroborou para uma ampla reflexão sobre a maneira como a promoção do cuidado integral em saúde é concebido desde a atenção primária e pelas diferentes profissões mediante a pluralidade de atores que estão inseridos no âmbito da atenção básica.

Trazer o campo do real, da prática do dia a dia de profissionais, usuários e gestores mostra-se fundamental para a resolução dos problemas encontrados na assistência à saúde e para a qualificação do cuidado prestado aos sujeitos. A mudança na formação acadêmica de estudantes e professores do campo da saúde também se tem mostrado necessária. (BATISTA E GONÇALVES, 2011, p. 2)

Durante toda a vigência do Projeto, o PET Saúde Interprofissionalidade proporcionou que a equipe identificasse as dificuldades no processo de trabalho, o que gerou uma reflexão crítica e propositiva sobre a dinâmica institucional na promoção da atenção à saúde e na indicação coletiva de estratégias para superação

dos problemas estruturais e subjetivos. (Filho; Inácio, et al., 2021, p. 84)

Também promoveu a aproximação do estudante com a realidade das famílias e comunidades, o conhecimento dos territórios e a articulação teórico-prática a partir da inserção dos indivíduos nos cenários de práticas. Proporcionou, também, a apreensão crítica sobre os desafios postos pelos sistemas de saúde brasileiro, as disputas provocadas pela ótica da defesa de um projeto público e democrático reproduzido através do SUS versus o avanço de um projeto privatista. Além de fortalecer o diálogo propositivo alinhado com os trabalhadores e trabalhadoras em saúde.

Na atividade de tutoria foi possível apreender as dificuldades concretas para a superação da lógica do trabalho uniprofissional e compreender as principais intercorrências que na garantia da efetivação das práticas interprofissionais e de trabalho. Ainda, reconhecer as competências e atribuições profissionais de outros núcleos de saberes e discutir junto aos grupos tutoriais, bem como construir de forma coletiva as estratégias de intervenção e decisões para a resolução de problemas observados e no atendimento às necessidades de saúde do usuário e demandas sociais por toda a equipe.

O trabalho em equipe interprofissional tem sido definido como aquele que envolve diferentes profissionais, não apenas da saúde, que juntos compartilham o senso de pertencimento à equipe e trabalham juntos de maneira integrada e interdependente para atender às necessidades de saúde. Constituir-se como uma equipe requer trabalho – é uma construção, um processo dinâmico no qual os profissionais se conhecem e aprendem a trabalhar juntos para reconhecer o trabalho, conhecimentos e papéis de cada profissão; conhecer o perfil da população adscrita, ou seja, as características, demandas e necessidades de saúde dos usuários e população; definir de forma compartilhada os objetivos comuns da equipe; e realizar – também de forma compartilhada – o planejamento das ações e dos cuidados de saúde, tal como a construção compartilhada de projetos terapêuticos singulares para usuários e famílias em situações de saúde de maior complexidade. (AGRELLI e PEDUZZI e AGRELI, 2018. p. 2).

As experiências vivenciadas através da tutoria também têm se estendido aos programas de residência multiprofissional em saúde e no desenvolvimento de projetos de extensão e ministração de disciplinas com ênfase na

interprofissionalidade. Além da aproximação com as equipes da rede local de saúde e do maior conhecimento acerca dos territórios, situar o papel do Serviço Social nesse processo e mapear os serviços existentes na rede intersetorial.

A educação Interprofissional é uma estratégia que possibilita transformações na formação em saúde, ressignifica metodologias de aprendizagens, sensibiliza gestores, docentes e profissionais sobre a importância da promoção da EIP para a complementariedade de saberes na construção e promoção do cuidado voltado para a integralidade na saúde.

O profissional preceptor do PET Saúde realiza o acompanhamento e/ou a supervisão direta das atividades práticas desenvolvidas junto com o discente. A preceptoria deve ser exercida por profissional com vínculo empregatício com a unidade básica de saúde. E a função de tutoria - caracteriza-se por atividade de orientação acadêmica exercida por docente com vínculo com a instituição de ensino responsável pelo PET.

A atividade tutoria correspondia à orientação acadêmica voltada à realização das atividades teóricas e teórico-práticas, discussão de casos e sobre as práticas de saúde pautadas na clínica ampliada, na atenção centrada no usuário, na integralidade do atendimento, na discussão com o grupo tutorial e com a equipe de saúde de modo a colaborar com a produção de Projetos Terapêuticos Singulares – PTS, as visitas domiciliares, o encaminhamento junto a outros serviços, etc. Também realizou - se visitas nos cenários de práticas, promoveu a integração dos participantes em projetos de extensão coordenados pela tutora e nas atividades de pesquisa.

A tutoria exercida pela docente de Serviço Social no PET Saúde não se restringia aos discente do mesmo núcleo em virtude dos objetivos do próprio Projeto. Porém, não se pode negar a presença de uma correlação de forças por parte de representantes de outros núcleos e grupos tutoriais, no sentido de insistirem em realocar o Serviço Social numa condição de subalternidade dada a herança cultural que circunda ainda a formação em determinados cursos de saúde, como na

enfermagem, na fisioterapia, na odontologia, e por casos pontuais de profissionais ainda limitados à uma competitividade sobre a valoração da utilidade social das profissões de saúde.

No grupo tutorial em que a docente de Serviço Social estava inserida, compreendia estudantes da educação física, farmácia, fonoaudiologia, odontologia, serviço social e terapia ocupacional. E preceptoras da psicologia, fisioterapia e odontologia. A tutoria era compartilhada com um docente do curso de medicina e todos os envolvidos conseguiam estabelecer o espírito colaborativo e o trabalho em equipe.

Peduzzi (2018) destaca que a colaboração advém do desejo de todos em cooperar e contribuir com o trabalho desempenhado pelo outro e pode se dar tanto no micro contexto das equipes (colaboração direta na equipe), quanto de forma mais abrangente, no cenário das RAS e comunidade (exercendo a colaboração em rede e com a comunidade).

As reuniões de tutoria ocorriam semanalmente e envolvia a indicação de leituras, debates coletivos, relatos de experiência, reflexão sobre o trabalho profissional e sobre a estrutura dos serviços. Também a orientação na produção de artigos para apresentação e publicação, elaboração de relatórios, monitoramento da assiduidade e avaliação da participação e desempenho dos discentes.

Na tutoria também houve a preocupação e interesse por parte da docente em estudar, apreender e reconhecer as múltiplas necessidades de saúde para qualificar os debates, participou de reuniões de colegiado e com o grupo tutorial. Sobretudo veio somar no fortalecimento da luta pela defesa do SUS e na articulação do debate sobre a interprofissionalidade e o PET Saúde no curso de origem, entre outros espaços.

Com a pandemia da COVID-19 foi necessário colaborar com profissionais e trabalhadores do SUS no sentido de acolher as dúvidas, buscar respostas e contribuir através de ações remotas ofertadas mediante a uma rede digital de atendimento voltada para responder às demandas dos usuários, das famílias, dos profissionais e da comunidade acadêmica.

## 4 CONCLUSÃO

O debate sobre as práticas interprofissionais estabelecidas entre profissionais de saúde e gestores reacende a necessidade de pensar as estratégias de resolução dos conflitos presentes no cotidiano do trabalho e promover resolutividade para os problemas encontrados na assistência à saúde.

Sobretudo assinala o desafio de se promover a qualificação e a educação permanente para o trabalho em saúde para assegurar a promoção do cuidado integral aos indivíduos, as famílias e comunidades, principalmente diante de uma realidade social desigual e complexa que compreende a formação e qualificação de trabalhadores e trabalhadoras do SUS, de estudantes de graduação e do usuário dos serviços.

Formar profissionais para atuar no sistema de saúde é notadamente uma demanda histórica e um desafio. A importância das experiências vivenciadas nesses espaços de aprendizagem contribui significativamente para a qualificação profissional e para a formação crítica.

As políticas e propostas de formação dos profissionais para o SUS, articulando capacitação, qualificação, desenvolvimento, devem concretizar estratégias e ações de aproximação constante das práticas dos serviços de saúde às práticas de investigação e reflexão teórica, tanto do pessoal das universidades quanto da gestão e da assistência. (BATISTA e GONÇALVES, 2011, p. 11)

Observou-se que a preceptoria no PET Saúde desenvolvida pelos profissionais propiciou uma visão mais crítica sobre o processo de trabalho e uma maior sensibilização acerca das reais necessidades de saúde da população atendida nas áreas de abrangência contempladas nas unidades básicas de saúde. Sem sombras de dúvida, o processo de ensinar, aprender e intervir de forma coletiva eleva a satisfação e motivação profissional e ressignifica as práticas colaborativas efetivadas nos cenários de saúde. Fortaleceu o vínculo das preceptoras com a IES através da inserção desses profissionais em grupos de estudo, grupos de pesquisas, projetos

de extensão e para realizar pesquisas integradas aos serviços

Para os estudantes, o PET Saúde oportunizou a aproximação com a dinamicidade dos serviços prestados pela rede SUS e a sistematização teórico-prática, além de conhecer as funções desempenhadas por outras profissões e despertar um olhar mais crítico no sentido de valorizar e defender a política pública de saúde enquanto democráticos e de acesso para todos os indivíduos. Os estudantes ao serem inseridos em cenários de prática na Atenção Primária em Saúde – APS puderam a partir do real, observar como se dá a garantia dos princípios do SUS e a efetivação de direitos.

Para os professores envolvidos com o PET Saúde instigou ainda mais a necessidade de fortalecer o desenvolvimento das práticas pedagógicas pautada em metodologias ativa, participativa e comprometida com a qualidade da formação em saúde na perspectiva da interprofissionalidade. Expandir esse debate e garantir a incorporação de conteúdos voltados para a interprofissionalidade nas diretrizes curriculares dos cursos visando romper com práticas educativas tradicionais e com a fragmentação dos saberes.

Portanto é necessário contar com o incentivo de recursos públicos através da participação do Estado brasileiro na promoção da formação e da qualificação dos trabalhadores e trabalhadoras em saúde, através da educação permanente e da oferta de projetos que visam aprimorar o processo de trabalho e motivar os profissionais. E promover o apoio à ciência, o incentivo e financiamento às produções científicas, a valorização salarial, a ampliação e oferta de vagas na atenção primária e a valorização do trabalho docente incentivando ao desenvolvimento de atividades de tutoria e da oferta de bolsas.

O fomento ao debate sobre planejamento e monitoramento do trabalho em saúde nas unidades de atenção básica foi outro resultado positivo na articulação com o projeto do PET. Bem como, as iniciativas realizadas que instigaram os participantes a galgarem novos espaços de formação e se submeteram a processos seletivos em programas de Residência em Saúde e mestrado. Também resultou

numa produção científica com objetivo de compartilhar as ações desenvolvidas pelos grupos tutoriais do PET Saúde em nível nacional através da elaboração e publicação de um e – book.

O período de encerramento do PET Saúde Interprofissionalidade ocorreu durante o surgimento da pandemia causada pelo coronavírus. Não há como negar que o panorama político e sanitário do país afetou o andamento das atividades, mas não inviabilizou. Entretanto foi necessário recriar estratégias que garantiram a continuidade de atividades remotas voltadas para o enfrentamento do adoecimento da população na pandemia, a viabilização de vídeos informativos sobre medidas de biossegurança e a troca de conhecimentos entre as profissões, no sentido de informar, buscar respostas amparadas na ciência e esclarecer a comunidade.

Destaca-se que o trabalho desenvolvido de forma colaborativa no PET Saúde assegurou o exercício da interprofissionalidade de modo a corroborar para a redução da relação de poder entre as diferentes profissões, estabelecer a corresponsabilização pela formação em saúde, contribuir para o fortalecimento dos vínculos com as equipes, reproduzir a reflexão crítica sobre os processos de trabalho produzidos nos cenários de práticas também resultantes da sistematização das ações do PET desenvolvido pelos cursos de saúde da UFPB.

Por fim reafirma-se a responsabilidade necessária de o Estado brasileiro garantir a aprovação e a continuidade de projetos que versem sobre o aperfeiçoamento da formação profissional e incentivos à qualificação dos trabalhadores e trabalhadoras que atuam nas políticas de proteção social, entre elas, a política de saúde e o SUS.

## REFERÊNCIAS

AGUILAR-DA-SILVA, R.H, Scapin LT, Batista NA. **Avaliação da formação interprofissional no ensino superior em saúde:** aspectos da colaboração e do trabalho em equipe. Avaliação (Campinas). 2011; 16(1):165-82.

BATISTA, Karina Barros Calife. GONÇALVES, Otília Simões Janeiro. **Formação**

**dos Profissionais de Saúde para o SUS:** significado e cuidado. In Saúde Soc. São Paulo, v.20, n.4, p.884-899, 2011

BATISTA, NA, BATISTA SHSS. **Educação interprofissional na formação em saúde:** tecendo redes de práticas e saberes. Interface (Botucatu). 2016; 20(56):202-4.

CASANOVA I.A, BATISTA N.A, MORENO L.R. **A Educação Interprofissional e a prática compartilhada em programas de residência multiprofissional em Saúde.** Interface (Botucatu). 2018; 22(Supl.1):1325-37.

CECCIM, R.B. **Equipe de saúde:** a perspectiva entre-disciplinar na produção dos atos terapêuticos. In: Pinheiro R, Mattos RA, organizadores. Cuidado: as fronteiras da integralidade. Rio de Janeiro: IMS/UERJ; 2004. p. 259-78.

COSTA, Marcelo Viana. **A potência da Educação Interprofissional para o desenvolvimento de competências colaborativas no trabalho em saúde.** In Interprofissionalidade e formação na saúde: onde estamos? [recurso eletrônico] / Ramona Fernanda Ceriotti Toassi, organizadora. – 1.ed. (Série Vivência em Educação na Saúde). Porto Alegre: Rede UNIDA, 2017.

FILHO, Ernani Vieira V; INÁCIO, Elisângela de Oliveira; MACEDO, Kalyna Lígia A; BARBOSA, Maria Ester da Silva Nascimento Brito; SILVA, Reinaldo dos Santos Mendes. **Interprofissionalidade e a promoção do cuidado junto aos trabalhadores e trabalhadoras na Unidade Saúde da Família.** In Aprendizagem interprofissional: o PET-Saúde na atenção básica [recurso eletrônico] / Organizadoras: Talitha Rodrigues Ribeiro Fernandes Pessoa [et al.]. João Pessoa: Editora UFPB, 2021.

MIRA, Q. L. M.; BARRETO, R. M; VASCONCELOS, M. I. O. **Impacto do PET Saúde na formação profissional:** uma revisão integrativa. Revista Baiana de Saúde Pública, v. 40, n. 2, p. 514–537, 2016.

Organização Mundial da Saúde (OMS). **Marco para ação em educação interprofissional e prática colaborativa [Internet].** Genebra: OMS; 2010. Disponível em: [http://new.paho.org/bra/images/stories/documentos/marco\\_para\\_acao.pdf%20](http://new.paho.org/bra/images/stories/documentos/marco_para_acao.pdf%20)

PEDUZZI M, AGRELI HF. **Trabalho em equipe e prática colaborativa na Atenção Primária à Saúde.** Revista Interface (Botucatu). 2018; 22(Supl. 2):1525-34.

PEDUZZI, Marina. **Educação interprofissional para o desenvolvimento de competências colaborativas em saúde.** In Interprofissionalidade e formação na saúde: onde estamos? [recurso eletrônico] / Ramona Fernanda Ceriotti Toassi, organizadora. – 1.ed. (Série Vivência em Educação na Saúde). Porto Alegre: Rede UNIDA, 2017.

PEDUZZI, M. et al. **Trabalho em equipe, prática e educação interprofissional.** In: MARTINS, M. A. et al. Clínica médica: atuação da clínica médica, sinais e sintomas de natureza sistêmica, medicina preventiva, saúde da mulher, envelhecimento e



geriatria. Barueri: Manole, 2016. v. 1, cap. 17, p. 1–9.

PEDUZZI, Marina. **Equipe multiprofissional de saúde: conceito e tipologia.** Revista Saúde Pública. 2001; 35(1):103-9.

PESSOA, Talitha Rodrigues Ribeiro Fernandes, et. al. **Visita Domiciliar Interprofissional no Cuidado Materno-infantil:** atividade e formação no campo de prática. In Aprendizagem interprofissional: o PET-Saúde na atenção básica [recurso eletrônico] / Organizadoras: Talitha Rodrigues Ribeiro Fernandes Pessoa [et al.]. João Pessoa: Editora UFPB, 2021.